

A INTERSEÇÃO ENTRE O VEGANISMO E O FEMINISMO

THE INTERSECTION BETWEEN VEGANISM AND FEMINISM

LA INTERSECCIÓN ENTRE VEGANISMO Y FEMINISMO

Ana Clara Soares Fernandes¹

RESUMO

Esse referido ensaio tem como objetivo explicar as interligações e paridades entre esses dois movimentos com uma visão sócio-política analisando as semelhanças dos movimentos, da própria opressão sofrida por ambos e a importância que a interligação entre eles tiveram durante a história, e de como essa interligação foi de certo modo apagada/excluída. Ademais, esse ensaio reflete um pouco sobre um assunto que pouco se aborda dentro a ciência: o direito dos animais.

Palavras-chave: Feminismo. Veganismo. Movimentos sociais. Apagamento histórico. Sociologia.

ABSTRACT

This essay aims to clarify the interconnections and similarities between these two social movements, where there is a socio-political view analyzing the similarities of these two movements, in which there is also oppression suffered by both and the importance that the interconnection between them had during the Historic period and how this interconnection was "erased". Furthermore, this essay reflects a little on a subject that is not much addressed in science: the animal rights.

Key words: Feminism. Veganism. Social movements. Historical deletion. Sociology.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo explicar las interconexiones y las paridades entre estos dos movimientos con una visión sociopolítica que analiza las similitudes de los movimientos, la opresión en sí sufrida por ambos y la importancia que tuvo la interconexión entre ellos en la historia, y cómo esto la interconexión ha sido algo eliminada. Además, este ensayo refleja un poco sobre un tema que apenas se aborda en la ciencia: el derecho animal.

Palabras clave: Feminismo. Veganismo. Movimientos sociales. Apagón. Sociología.

1 VEGETARIANISMO E FEMINISMO: DOIS MOVIMENTOS E A OPRESSÃO PELO PATRIARCADO

O hábito de comer vegetais e não se alimentar de carne perdura na humanidade há milhões de anos e o contexto cultural e ambiental de cada grupo colabora para que essa prática torne-se sustentável ou não. Na Ásia, pela valorização do consumo de ervas, as pessoas eram mais propensas a serem vegetarianas, a praticarem a agricultura. Em algumas religiões, a prática de comer carne é imprópria, tanto por algum mito simbólico, quanto pelo

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará.

próprio sofrimento animal. Os hindus não comem carne de vaca, por exemplo, por acreditarem que o animal é a "mãe da vida". Como Maria é para os cristãos a mãe de Deus, a mãe vaca é a representação de tudo que é vida, e por vezes esse "amor à vaca" foi considerado culpado pela fome e miséria na Índia por técnicos ocidentais, embora o sistema que não inclui a vaca como excedente de carne e leite cause menos desperdício do que o sistema que impera nos Estados Unidos (HARRIS, 1978). Alguns religiosos egípcios também acreditavam que a carne estava ligada ao carma, pela crença da reencarnação entre corpos humanos e não-humanos.

Alguns pensadores ao longo dos séculos se posicionaram como vegetarianos, embora houvesse um apagamento dessa posição. Jean-Jacque Rousseau (1979) foi um desses pensadores, um dos primeiros a afirmar que o ser humano é naturalmente vegetariano por possuir arcadas dentárias mais semelhantes a dos animais vegetarianos do que a dos animais carnívoros.

Os animais que você come não são aqueles que devoram outros, você não come as bestas carnívoras, você as toma como padrão. Você só sente fome pelas criaturas doces e gentis que não ferem ninguém, que o seguem, o servem, e que são devoradas por você como recompensa de seus serviços (ROUSSEAU, 1979, p. 122)

Apesar de ter um certo espaço na história da humanidade, o vegetarianismo perdeu parte desse reconhecimento durante as evoluções sociais e culturais da história. Mas, ao longo dos anos 1970, o movimento do direito dos animais voltou a ganhar espaço, assim como outros movimentos políticos, como o feminismo. Nesse mesmo período, a autora Carol J. Adams (2018) começou a desenvolver uma teoria feminista-vegetariana em que correlacionava a interdependência entre o vegetarianismo e o feminismo.

Em seu livro *A política sexual da carne*, Adams (2018) discorre sobre a interligação da opressão patriarcal com as mulheres e com os próprios animais. Pelo termo implantando como "referente ausente" a autora explana a forma com que animais e mulheres encaixam-se na mesma lógica de violência no sistema patriarcal:

A violência sexual e o consumo de carne, que parecem ser formas distintas de violência, têm no referente ausente um ponto de interseção. As imagens culturais de violência sexual e a violência sexual real, frequentemente repousam no nosso conhecimento de como os animais são retalhados e comidos [...] Assim, quando mulheres são vítimas de violência, o tratamento dado aos animais é lembrado. (ADAMS, 2018, p. 81)

O homem come carne porque necessita “ser forte”, necessita ser viril, e a carne é vista como um símbolo de força. É interessante analisar o conceito de *habitus* desenvolvido por Pierre Bourdieu (1983):

[...] Um sistema de disposições duráveis e transportáveis, que integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças as transferências analógicas de esquemas. (BOURDIEU, 1983, p. 65)

Como uma forma de externar as ligações entre gostos e preferências de indivíduos e grupos sociais de uma mesma trajetória, entretanto como um produto histórico, Bourdieu (1983) afirma que o *habitus* não é destino, podendo ser moldado por novas experiências e assim, sendo afetado pelas mesmas.

Em algumas sociedades, o *habitus* de comer a carne animal, principalmente bovina significa ter força, virilidade, masculinidade. Woortmann (1985) indaga, em um estudo sobre gênero e comida notados sob contexto camponês, que um centro familiar (pai e mãe) tem como objetivo principal alimentar o homem adulto nas refeições, uma vez que é o mesmo quem trabalha e quem logicamente precisaria de mais energia; a mulher-mãe e os filhos, por sua vez, comem apenas depois do homem-pai, alimentando-se das sobras. O homem, por ser quem trabalha, necessita de comida "forte" e com "sustância", privando até mesmo os filhos para conseguir continuar firme no trabalho.

O sexismo no consumo de alimentos é notável também ao analisar a aristocracia europeia. Adams (2018) cita no primeiro capítulo de seu livro que, durante a aristocracia, quem gozava de poder consumia carne, ou seja, homens. Mulheres, tanto as participantes da aristocracia quanto as mulheres de “segunda classe”, consumiam alimentos também considerados de “segunda classe”: legumes, verduras, frutas e grãos, nada de carne. Infe-re-se, então, que a mulher era vista como um ser inferior e por isso não necessitava da “força da carne.”

O corpo feminino, o masculino e os próprios alimentos são classificados por duas formas por Woortmann (2008): uma dicotomia entre quente ou frio, dentro de uma noção simbólica. Em sua interpretação, o autor fala que o corpo humano é composto por dois órgãos principais, o cérebro e o coração; o cérebro é considerado "frio" e "sem sangue", lugar onde se "organiza as ideias", já o coração é visto como "quente", aquele que tem a função de "governar o corpo", distribuir sangue e vida.

Além disso, a mulher se diferencia do homem por possuir um órgão a mais: o útero, órgão esse também considerado "quente". Dessa forma, supõe-se que existe um "desequilíbrio", sendo o homem com um órgão "frio" e outro "quente" e a mulher com um "frio" e dois "quentes" e, dessa forma simbólica, a mulher é vista como em constante "perigo" para a sociedade, assim como os alimentos considerados "quentes" (termo que não se refere apenas à temperatura) são aqueles a que fazem os indivíduos ficarem "nervosos" e os alimentos frios são o oposto disso, servindo para "acalmar os nervos". Nesse entendimento, a mulher é vista como um ser desequilibrado, inferior e perigoso.

2 RELAÇÕES COM O PATRIARCADO: DOMINAÇÃO E SUBMISSÃO

A “objetificação” da mulher e a “coisificação” do animal, que posteriormente virará “carne” por meio do referente ausente, unem-se numa opressão patriarcal. Nesse ciclo de objetificação do referente ausente, a linguagem é essencial: o referente ausente é o véu que se põe entre a carne e o animal vivo, entre a vaca que corre pelo campo e o pedaço de hambúrguer vendido. Coral Lansbury (1907), em um protesto contra a vivisseção, falou: “Já se disse que uma visita a um matadouro transformaria em vegetariano o mais convicto carnívoro existente entre nós”. Os matadouros são essenciais para a estruturação do referente ausente: esconde-se a forma como os animais são retalhados, tratados e mortos e assim exclui-se a ideia de que um pedaço de bife cru em uma bandeja de plástico já foi vida.

Animais são vistos como objetos subservientes ao ser humano, como a mulher é vista em relação ao homem e também como o empregado é visto pelo patrão. A comparação entre um matadouro e uma fábrica é de um certo modo pertinente porque a divisão do trabalho por linhas de montagem que Henry Ford originou, deu-se início através de um matadouro em Chicago, com uma linha de desmontagem. Ele se interessou pelo método de atividades fragmentadas da matança dos animais e o levou para suas fábricas, criando as tais linhas de montagem.

As relações de submissão e dominação estão presentes tanto na exploração dos animais quanto na opressão vivenciada pelas mulheres. Essa mesma relação entre dominação e submissão está presente na obra de Carole Pateman (1988). Em *O contrato sexual*, a autora debate o conceito de senhor e serva para dissertar sobre como os teóricos do contrato social excluíram da mulher a possibilidade de ser reconhecida como indivíduo. Esse conceito pode ser aplicado à própria opressão que os animais sofrem. Esses são vistos como tendo apenas

uma utilidade: servir ao homem, estar 100% submissos. Nessa perspectiva, os matadouros têm como finalidade excluir a interação existente entre homem e animal.

Assim, a carne estampada em frigoríficos deixa de ser relacionada a um animal vivo, mas sim à comida. Da mesma forma é feita na pornografia ou até então na prostituição. Pateman trata a prostituição num sentido cultural de diferença sexual, onde o homem compra sexo de uma mulher (heterossexualmente falando), e aponta para a distorção que é comprar serviços sexuais, já que os órgãos sexuais da prostituta não poderiam ser utilizados sem a presença dela ou sem sua subordinação.

O mesmo acontece com os animais, no entanto, devido ao referente ausente, a sociabilidade passa a ver a carne simplesmente como comida e não como um animal morto, apagando, assim, o conceito. A carne é um animal, a prostituta é uma mulher, no entanto, numa visão de senhor e serva, o animal e a mulher são apenas objetos.

3 A ORIGEM DOS MOVIMENTOS E A INTERSECÇÃO APAGADA

A interdependência entre os dois movimentos pode não ser tão notavelmente perceptível, afinal, como mulheres e animais se assemelham? Como a organização e desenvolvimento dos mesmos podem ter alguma similaridade? Mary Wollstonecraft foi uma escritora, autora do famoso livro *Frankenstein* (1818), que fez afirmações bastante feministas, mas, segundo Adams (2018), essa questão feminista-vegetariana também foi silenciada de sua obra ao longo do tempo.

A Criatura sem nome, que Gilbert e Gubar veem como buscando um princípio materno em meio a um mundo de pais, condena resolutamente a comida e os costumes dos pais; nesse sentido, o seu vegetarianismo transmite insinuações feministas tanto quanto pacifistas. Aqueles que naquela época injuriaram abertamente a dieta da carne não perceberam que estavam criticando veladamente um símbolo masculino. (ADAMS, 2018, p. 177)

No século XIX, o movimento feminista tinha atingido sua primeira onda. As sufragistas, mulheres inglesas, lutavam para conseguir ter o direito ao voto durante a revolução industrial. Além do voto, elas também lutavam pela igualdade política e jurídica entre os gêneros. Aliás, a primeira onda do feminismo foi marcada pela luta por direitos iguais a cidadania, embora a luta pelo direito ao voto tenha se tornado o marco da luta das sufragistas em todo o mundo. O que não se sabe, no entanto, é que muitas dessas mulheres

sufragistas também lutavam pelo feminismo-vegetariano e pelo movimento antivivisseccionista.

Mulheres que foram presas optavam pela opção vegetariana na prisão, como Leah Lemanan explana em seu artigo *The Awakened Instinct: vegetarianism and the women's suffrage movement in Britain* a relação existente entre o próprio movimento sufragista e o vegetarianismo. O vegetarianismo fazia parte da WFL (Women's Freedom League), uma das organizações presentes com as sufragistas.

Durante a segunda onda do feminismo, que ganhou notoriedade a partir da década de 1960, a obra *O Segundo Sexo* (2009), de Simone de Beauvoir, foi considerada uma das pioneiras que marcaram o pensamento feminista da época e apontava a concepção de que a subordinação da mulher ao homem é construída socialmente e não é simplesmente um fenômeno biológico. A antropóloga Margareth Mead, em seu livro *Sexo e temperamento* (2003) analisa como as noções de feminilidade e masculinidade mudam de acordo com a cultura, provando que esses conceitos não são fixos.

Outras autoras ganharam visibilidade, entre elas Françoise D'Eaubonne, autora da obra *Feminismo ou morte* (1974), em que ela cita o termo “ecofeminismo” definido pela própria autora como: “A capacidade das mulheres, como impulsoras de uma revolução ecológica, de ocasionar e desenvolver uma nova estrutura relacional de gênero entre os sexos, bem como entre a humanidade e o meio ambiente”.

O ecofeminismo procura, então, abolir a cultura patriarcal da submissão da mulher ao homem e ter uma relação de igualdade e melhoria da condição de vida defendendo o meio ambiente e garantindo a valorização da vida de todos os seres. Isso porque as ecofeministas acham contraditório lutar contra a opressão das mulheres e ser conveniente a exploração dos animais.

Outra autora que esteve presente durante a segunda onda do feminismo foi Ângela Davis, filósofa socialista e ativista pelos direitos das mulheres, contra a discriminação racial e social nos EUA e abertamente vegana. Em 2012, em um discurso que proferiu na 27ª Conferência sobre o empoderamento das mulheres de cor, Davis falou sobre seu posicionamento como vegana:

O fato de que podemos sentar para comer um pedaço de frango sem pensar nas condições horríveis em que os frangos são criados industrialmente no país é um sinal dos perigos do capitalismo. Como o capitalismo colonizou as nossas mentes para não olhar para além da própria mercadoria, o fato de que nos recusamos a entender as relações que sustentam os produtos que usamos em uma base diária.

Como fazemos com a comida [...]. Eu acho que há uma conexão no maneira como tratamos os animais e a maneira como tratamos as pessoas que estão abaixo do todo na escala hierárquica. (DAVIS, 2012)

4 OUTRAS EXPLORAÇÕES

Uma leitura marxista da exploração animal que se aplica entre a redução de seres a apenas mercadoria e força de trabalho. A regra fundamental do capitalismo é o maior lucro possível, ignorando qualquer ética ou moral, mercantilizando toda e qualquer relação. Para o capitalismo, os trabalhadores e os animais são apenas “coisas” que servem para acúmulo de riquezas e lucro. Esse sistema proporciona uma falsa liberdade: a liberdade do mercado e, assim, avança em meio a várias opressões, conseguindo se adaptar ao patriarcado e a sua forma de dominação.

A mercantilização dos animais atingiu tal ponto que conseguiu se adaptar perfeitamente ao sistema capitalista. Os produtores de carne, ovos, leite, mel, couro e etc. passaram a ser tratados como verdadeiras máquinas de produção em larga escala para gerar mais lucro e, quando se tornam improdutivos, são descartados, fazendo uma comparação entre o conceito do referente ausente de Carol J. Adams (2018) com o de trabalho estranhado de Marx (2008).

A exteriorização do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, mas, bem além disso [que se torna uma existência] que existe fora dele, independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX, 2008, p. 81)

A prerrogativa do trabalhador não se enxergar no próprio objeto produzido e da sua força de trabalho flerta com a ideia do referente ausente de Adams (2018), em que os animais são separados da carne, da mesma forma que o trabalhador é separado do seu objeto produzido. Questão que levanta Pateman (1988) sobre como a prostituta, enquanto mulher, é separada no contrato social dos próprios serviços sexuais que presta, tornando-se apenas objeto sexual à venda para homens.

O capitalista não contrata e não pode contratar a utilização do dos serviços ou a capacidade do trabalho do proletariado. O contrato do trabalho dá ao patrão o direito de controlar a utilização do trabalhador, ou seja, o ser, a pessoa e o corpo do trabalhador durante o período estabelecido no contrato de trabalho. Do mesmo modo, os serviços de uma prostituta não podem ser prestados a não ser que ela esteja presente; a propriedade da pessoa, diferente das propriedades materiais, não pode ser separada do seu dono. (PATEMAN, 1993, p. 297)

Essa conexão entre a luta de classes e a exploração animal pode ser vista no Ecosocialismo, uma vertente ideológica marxista que segue a mesma lógica do Ecofeminismo: defende o meio ambiente e todas as formas de vida, querendo abolir o capitalismo que explora os seres humanos e a natureza e os vê como apenas mercadoria para lucro. Além disso, atenta-se para o fato de que a crise ecológica poderá até mesmo acabar com o capitalismo quando extinguirem os recursos naturais para exploração, mas a exploração humana deve continuar até que a humanidade esteja realmente ameaçada.

5 UMA INTERSEÇÃO COM A TEORIA POLÍTICA FEMINISTA

Em *O contrato sexual*, Carole Pateman (1988) explica como os teóricos do contrato social ignoraram o fato de que as mulheres também fazem parte da sociedade, e que também são indivíduos como os homens. Pateman (1988) expôs como os contratos feitos tratavam-se de contratos sexuais sobre a dominação do homem sobre a mulher. A mulher, no contrato social, pelas palavras da autora, é apenas um objeto, não é considerada uma cidadã, não possui direitos, nem mesmo no casamento: a mulher é vista como naturalmente submissa ao homem.

Fazemos, então, uma comparação entre a forma que Pateman (1988) enxerga a problemática da mulher e a forma que os animais de abate são tratados. Bois, bezerras, carneiros, vacas, galinhas etc., criados em cativeiros, são cruelmente maltratados. Além disso, eles consomem 40% dos grãos produzidos no mundo e 70% da água gasta no Brasil é utilizada para cultivo desses mesmos grãos. Mas focando na comparação com as críticas de Pateman (1988) ao contrato social e a mulher, esta não era vista como um indivíduo, assim como o animal não é visto como um ser merecedor de direitos.

Isso vai ao encontro da ideia do antropocentrismo, em que o homem é o centro de tudo e as outras espécies existem apenas para servi-lo. Assemelha-se também ao machismo, em que a visão que se tem é a de que tudo que é do sexo masculino é superior, enquanto tudo que é ligado ao feminino é inferior.

Pateman (1988) deixou claro em sua obra que a “invizibilização” da mulher no contrato social era de um carácter dominador. A naturalização da mulher como sendo alguém inferior, seria, portanto, bastante semelhante à naturalização da ideia de que os animais são

criados apenas para servir ao homem, principalmente ao paladar do homem, sem ter direito algum.

6 CONCLUSÃO

As ligações entre o movimento feminista e o vegetarianismo não são tão claras, tanto é que suas similaridades se encontram ainda veladas para muitos. Assim como a própria interseção do movimento feminista-vegetariano, que caminharam juntos durante várias épocas, das sufragistas até Ângela Davis, as conexões com o próprio marxismo e a exploração do proletariado.

As críticas de Carole Pateman (1988) ao contrato social, por este ignorar que mulheres também são indivíduos, pode-se aplicar também ao fato de que se é ignorado que os animais também são seres vivos e que merecem ter seus próprios direitos; não existindo apenas para serem subordinados ao ser humano e, principalmente, ao indivíduo do sexo masculino. Defende-se, então, que todas as opressões são, de uma forma, interligadas.

REFERÊNCIAS

ADAMS, J. Carol. **A Política Sexual da Carne**. 2. ed. São Paulo: Editora Alaúde, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

DAVIS, Angela. **The 27th Annual Empowering Women of Color Conference**. Pauley Ballroom. University of California. 2012. (Comunicação oral).

D'EAUBONNE, Françoise. **Le féminisme ou la mort**. Paris: Pierre Horay, 1974.

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva. 2003.

MÜLLER, Bruno. **Uma leitura marxista de luta em defesa pelos direitos dos animais**. 2009. Disponível em: <https://www.algoadizer.com.br/edicoes/materia.php?MateriaID=391>
Acesso em: 5 jun. 2019.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. *In*: ORTIZ, Renato. (org.) **Bourdieu**, Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 39. São Paulo: Ática.

HARRIS, Marvin. **Vacas, porcos guerras e bruxas: os enigmas da cultura**. R.J., Civilização Brasileira, 1978.

LENEMAN, Leah. The awakened instinct: vegetarianism and the women's suffrage movement in Britain. **Women's History Review**, [s.l.], v. 6, n. 2, p.271-287, jun. 1997. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/09612029700200144>

COLERATO, Marina. **Frankenstein e o Silenciamento das Feministas-Vegetarianas**. 2016. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/ecofeminismo-frankenstein-silenciamento-das-feministas-vegetarianas/#.XymiXShKjDc> Acesso em: 05 jun. 2019.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. 3. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

MOCELLIN, Vivian. **Veganismo ético, político e interseccional**. 2018. Disponível em https://medium.com/@vivian_mocellin/veganismo-%C3%A9tico-pol%C3%ADtico-e-interseccional-ac2ce4db9339 Acesso em: 21 jun. 2019.

GOLDKORN, Thais; MIRANDA, Barbara. **#32 Por uma teoria feminista vegetariana**. 2019. Disponível em: <https://medium.com/outras-mamas-podcast/teoriafeministavegetariana-ae0905d7eb63> Acesso em: 04 abr. 2019.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA. B. H; SZWAKO, J. (Orgs.). *Diferenças e igualdades* São Paulo: Berlendis Editores: 2009. p. 116-146.

ROUSSEAU, Jean. J. **Emílio ou da Educação**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1995.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. R.J., Zahar, 1979, A preferência de Comida e o Tabu nos animais domésticos americanos.

WOORTMANN, Klaas. Quente, frio, e reimoso: alimentos, corpo humano e pessoas. **Caderno Espaço Feminino**, v.19, n. 01, jan./jul. 2008, p.17-30.

WOORTMANN, Klaas. A comida, a família e a construção do gênero feminino. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1,1986.